REVISTA DOS ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO
DO INSTITUTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INVENTÁRIO
ISSN: 1679-1347

TIA NASTÁCIA E O MITO DA MÃE PRETA

O PARADOXO DA MATERNIDADE NEGRA NO IMAGINÁRIO BRASILEIRO

Monique Ferreira
(Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro)

RESUMO	ABSTRACT
Este ensaio tem como objetivo problematizar a personagem Tia Nastácia, da literatura infantil brasileira de Monteiro Lobato, à luz do mito da mãe preta teorizado por Lélia Gonzalez (1984). Busca-se revelar as sutilezas e contradições dessa representação, destacando tanto os mecanismos de poder que reforçam o lugar de subserviência da mulher negra e solidificam o mito quanto àqueles que o desconstroem, evidenciando uma figura de poder que incorpora a cultura e os saberes populares — um saber mágico e empírico, fruto do conhecimento de vida, que exalta aspectos da cultura afro-brasileira. Assim, esta reflexão compreende a personagem como um marco para debater como a mulher e a maternidade negra são representadas e apreciadas. Dispomo-nos a refletir sobre como o 'mito da mãe preta' pode ajudar a entender as nuances entre poder e subserviência na figura de Tia Nastácia e seu impacto na percepção da maternidade negra. Ao reavaliar essas narrativas, encontramos uma oportunidade de celebrar as contribuições das mulheres e mães negras, que, mesmo diante de estruturas opressoras, conseguiram afirmar sua presença e importância. Reconhecer essa dinâmica é um passo essencial para desmantelar estereótipos, questionar a invisibilidade e valorizar a diversidade e o protagonismo dessas mulheres na criação, no cuidado e na transmissão de valores culturais.	Este ensayo tiene como objetivo problematizar el personaje de Tía Nastácia, de la literatura infantil brasileña de Monteiro Lobato, a la luz del mito de la madre negra teorizado por Lélia González (1984). El objetivo es revelar las sutilezas y contradicciones de esta representación, destacando tanto los mecanismos de poder que refuerzan el lugar de subordinación de las mujeres negras y solidifican el mito como aquellos que lo deconstruyen, destacando una figura de poder que incorpora la cultura y el conocimiento popular. un conocimiento mágico y empírico, resultado del conocimiento de la vida, que exalta aspectos de la cultura afrobrasileña. Así, esta reflexión entiende al personaje como un hito para debatir cómo se representan y valoran las mujeres negras y la maternidad. Estamos dispuestos a reflexionar sobre cómo el 'mito de la madre negra' puede ayudar a comprender los matices entre poder y servidumbre en la figura de Tía Nastácia y su impacto en la percepción de la maternidad negra. Al reevaluar estas narrativas, encontramos una oportunidad para celebrar las contribuciones de las mujeres y madres negras que, incluso frente a estructuras opresivas, lograron afirmar su presencia e importancia. Reconocer esta dinámica es un paso esencial para desmontar estereotipos, cuestionar la invisibilidad y valorar la diversidad y el protagonismo de estas mujeres en la creación, cuidado y transmisión de valores culturales.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Mito da Mãe Preta; Maternidades Negras; Tia Nastácia.	Mito de la Madre Negra; Maternidades Negras; Tía Nastacia

INTRODUÇÃO

A personagem Tia Nastácia, criada por Monteiro Lobato, é uma figura icônica da literatura infantil brasileira. Tia Nastácia, retratada como uma mulher negra, mãe e sábia, desvenda questões complexas acerca da representação da mulher e da maternidade negra na sociedade brasileira. Este texto investiga o papel de Tia Nastácia, examinando sua

copyright© 2004 Inventário

representação na obra de Monteiro Lobato e debatendo as consequências de sua imagem na cultura do Brasil.

A PERSONAGEM TIA NASTÁCIA

Na literatura brasileira, Tia Nastácia é uma das personagens mais célebres da série de livros infantis de Monteiro Lobato, publicados entre 1920 e 1947. Até hoje, ela permanece viva no imaginário brasileiro, retratada em séries de TV e nas histórias contadas em lares e escolas, consolidando-se como um clássico da literatura nacional. Na obra, a personagem é apresentada como uma mulher negra, de avental e lenço na cabeça, com um jeito maternal e bondoso. Embora com pouca instrução formal, ela possui vasta sabedoria popular, expressa em sua habilidade de contar histórias e em seu conhecimento sobre ervas e culinária que remetem à cultura negra.

A figura de Tia Nastácia desvela questões complexas sobre a representação da mulher e da maternidade negra. Embora associada às construções racistas enraizadas na cultura brasileira, a personagem recupera aspectos da tradição oral e da relação com religiões de matriz africana. Além de simbolizar reflexões sobre as dinâmicas familiares e sociais entre senhores brancos e trabalhadoras negras, pode-se destacar que essas mulheres desempenhavam o papel fundamental à maternidade, na criação e transmissão de valores.

Livro Histórias da Tia Nastácia, publicado em 1974

Fonte: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTBnYro6Jkx8yTKSzNGeTd_qJatRf9D1hMEFA&s

Na obra literária, por vezes, a representação reforça a ideia de que o papel da

mulher negra se limitava à cozinha, aos afazeres domésticos e ao cuidado dos filhos dos patrões, naturalizando a desigualdade racial e de gênero. Esse contexto ecoa o estereótipo da "mãe negra", teorizado por González (1984), um símbolo recorrente em várias expressões culturais e contos populares, carregado de conotações históricas e sociais que remetem ao racismo estrutural. Ao analisarmos Tia Nastácia, identificamos tanto elementos que consolidam esse mito quanto aspectos que o desconstroem, revelando as contradições e nuances da personagem.

Nessa perspectiva, o mito da "mãe negra" associa a mulher negra a qualidades como sabedoria popular, benevolência, habilidade no cuidado e religiosidade. Embora essa representação valorize aspectos da cultura afro-brasileira, também perpetua estereótipos de submissão e inferioridade, sustentando as desigualdades presentes nas estruturas sociais (Roncador, 2007).

Assim, este ensaio tem como objetivo conduzir uma avaliação crítica dessa figura fictícia, ressaltando a importância de criar narrativas que enalteçam a diversidade da representação negra sobre o ser mulher e o maternar, além de enfrentar o preconceito racial. A análise considera o contexto histórico e social em que a obra foi criada, questionando a invisibilidade e valorizando a diversidade e o protagonismo dessas mulheres na criação, no cuidado e na transmissão de valores culturais.

1 O MITO DA MÃE NEGRA EM TIA NASTÁCIA

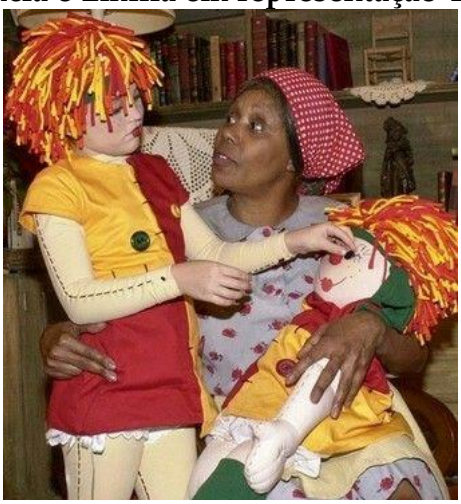
Tia Nastácia carrega consigo as marcas do mito da mãe negra. Na história da Monteiro Lobato ela é uma mulher afrodescendente, idosa e profunda conhecedora das tradições populares, com uma personalidade calorosa e materna. Sua sabedoria, suas histórias e suas receitas a identificam com o arquétipo da mãe negra. No entanto, sua imagem não se limita apenas a esses aspectos positivos. A personagem também apresenta traços que a colocam em uma posição secundária e submissa, sendo frequentemente retratada como inocente, de pouca instrução e dependente dos demais personagens.

Essa representação, embora típica do período em que a obra foi produzida, contribui para a invisibilidade das mulheres negras, resultando no apagamento de suas histórias e da cultura negra. Ao reduzir o papel de Tia Nastácia a uma posição secundária e associar sua identidade exclusivamente a características como servidão e maternidade, ela nega sua humanidade e capacidade de agência. Nesse contexto, o estereótipo da mãe negra atua como justificativa para a naturalização da subordinação (González, 1984).

Um dos traços marcantes da personagem Tia Nastácia é sua habilidade em contar histórias que remetem à tradição e à cultura popular. Contudo, após cada narrativa da cozinheira, os outros personagens fazem comentários negativos, ressaltando a sua pobreza e ingenuidade. Por exemplo, a boneca Emília as considera bobagens de uma "negra velha". No entanto, em *A chave do tamanho*, Emília consegue salvar sua vida, ameaçada por insetos, ao lembrar-se de uma das histórias de Tia Nastácia (Lobato, 2021a).

copyright© 2004 Inventário

Tia Nastácia e Emília em representação TV Globo



Fonte: https://i.pinimg.com/474x/cc/85/18/cc85180fc2dd35a981930e6b013d2352.jpg

Para González (1984), essas dinâmicas percebidas na obra aludem a desumanização e subalternidade observadas no estereótipo da mãe negra. Nesse contexto, a autora destaca a relação dialética entre consciência e memória. Aqui, a consciência não é vista como um estado de entendimento completo, mas como um espaço repleto de lacunas, esquecimentos e influências ideológicas. Em contraposição, a memória emerge como um lugar onde o que foi esquecido ou oculto pela consciência pode ressurgir, revelando verdades que se constroem a partir da ficção, ou seja, através de narrativas que moldam o passado.

Tia Nastácia é, por vezes, retratada por Monteiro Lobato como uma personagem inferior; no entanto, aqui observamos como a função de disseminar a cultura africana se manifesta em nossa sociedade. A relação dialética entre consciência e memória se torna evidente: a primeira tenta encobrir e ridicularizar os conhecimentos de Tia Nastácia, enquanto a memória resgata os ensinamentos e as histórias contadas de geração em geração. As histórias de Tia Nastácia marcaram profundamente muitas pessoas que leram os livros, deixando um legado cultural significativo.

González (1984) posiciona a mãe negra no epicentro da maternidade e da cultura brasileira, desafiando a estrutura social vigente. Ela argumenta que, embora as mulheres brancas fossem consideradas "esposas legítimas" responsáveis por conceber os filhos dos proprietários de engenhos, eram as mulheres negras que realmente desempenhavam o papel de mães. Isso fica evidente no trecho em que a autora afirma:

> Ela é a mãe nesse barato doido da cultura brasileira. Enquanto mucama, é a mulher; então 'bá', é a mãe. A branca, a chamada legítima esposa, é justamente a outra que, por impossível que pareça, só serve pra parir os filhos do senhor. Não exerce a função materna. Esta é efetuada pela negra. Por isso a 'mãe preta' é a mãe (González, Lélia, 1984, p. 13).

A escritora enfatiza que o termo "bá", utilizado para se referir à figura materna em várias línguas africanas, evidencia a importância da maternidade na cultura afro-

brasileira e sua conexão com a terra, a vida e a comunidade. Ao atribuir à mulher negra a condição de "mãe", González (1984) ressalta sua relevância histórica e cultural, frequentemente negligenciada em narrativas que representam as mulheres negras.

Ao afirmar que a mãe negra representa o verdadeiro núcleo da maternidade na cultura brasileira, González (1984) desmonta a imagem da mulher negra como mera serviçal e expõe a complexidade de suas responsabilidades na sociedade escravagista e pós-escravizada. A teórica oferece, assim, uma nova interpretação de Tia Nastácia, posicionando a representação da personagem no cerne do processo de construção da família e da cultura no país.

Assim, González (1984) argumenta que a mãe negra vai além do estereótipo de serviçal e da cuidadora simbolizada na figura de Tia Nastácia; ela é uma representação de resistência, ancestralidade e disseminação cultural. Por meio da cultura oral a mãe negra, representada pela personagem de Lobato, transmite às crianças valores, tradições e sabedoria ancestral.

Apesar de ter sido escrito após a abolição, a representação de Tia Nastácia remete também ao período colonial, quando mães pretas escravizadas atuavam como amas de leite para as crianças brancas, cuidando e alimentando os filhos de seus senhores. Essa função ia além do cuidado físico, uma vez que muitas dessas mulheres estabeleciam relações afetivas profundas com as crianças que criavam. Embora controverso, esse papel contribuiu para a formação de vínculos inter-raciais que frequentemente desafiavam a autoridade escravista e influenciavam as relações sociais.

Narizinho e Tia Nastácia

Fonte: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSuiloNLDC30iQ_yYb0A7BWYRDg79gj29KY-Q&s

A influência cultural das mães pretas, simbolizadas por Tia Nastácia, é notável em diversos aspectos da sociedade brasileira. Suas contribuições se estendem à música, religião, culinária e tradições folclóricas. No âmbito religioso, a figura da mãe negra é frequentemente associada a entidades afro-brasileiras, como Yemanjá e Oxum, representando maternidade, proteção e conexão com as forças da natureza (Deiab, 2006).

Embora não seja tão evidente em Tia Nastácia, a figura da mãe negra também está intrinsecamente ligada à luta por liberdade e empoderamento. Muitas mulheres negras, que foram forçadas a cuidar dos filhos de seus senhores, enfrentaram a brutalidade da escravidão. No entanto, essas mulheres frequentemente usaram sua

influência sobre as crianças brancas para transmitir valores de humanidade, solidariedade e compaixão, desejando contribuir para a formação de uma consciência social que, eventualmente, questionaria o sistema escravista (González, 1984).

Além disso, as mães negras desempenharam um papel ativo na resistência, apoiando fugitivos, compartilhando informações e mantendo redes clandestinas. Esse envolvimento na luta pela liberdade era uma extensão do cuidado e proteção que já haviam proporcionado às crianças brancas (Osório, Helen et al., 2018). Essa dualidade de funções destaca a complexidade da figura da mãe negra, que, apesar das adversidades, se tornou um símbolo de resistência e de esperança para a construção de um futuro mais justo.

Tia Nastácia evoca o legado da figura da mãe negra na história brasileira, um legado que persiste até os dias de hoje, apesar dos desafios duradouros. Ao fazer alusão a esse debate, evidencia-se como a maternidade negra continua sendo marcada por desigualdades sociais e raciais, que vão desde a falta de acesso a cuidados de saúde de qualidade até a estigmatização nas instituições educacionais. Segundo González (1984), a mulher negra enfrenta níveis distintos de opressão e exclusão em relação aos homens negros e às mulheres brancas, sendo que o racismo e o sexismo atuam de maneira articulada para perpetuar essa realidade.

González (1984) discorre ainda que a mãe negra é a personificação do ideal branco da mulher negra dócil e abnegada, aquela que trabalha para o bem da casa grande, sem nada pedir em troca, sempre disposta a abrir mão de seus próprios desejos e necessidades. Esta imagem remete ao período da escravidão, na qual o escravo amoroso vê seu senhor não como um malfeitor, mas como um salvador responsável por seu bem-estar. Aqui, nota-se um elemento crucial para a manutenção do sistema escravagista: para a autora, a mulher negra, independentemente de sua classe social, sempre é enquadrada dentro dessas três categorias, reforçando as estruturas de opressão que a cercam.

Apesar dessas categorias subalternizantes, Lélia González define a mãe negra como uma figura política de extrema importância — uma afirmação que se confirma com a popularidade de Tia Nastácia, mesmo após tantos anos da publicação da obra. Por meio de sua resistência pacífica, essas mulheres ensinaram a linguagem africana aos filhos da elite escravocrata, dando origem ao que a autora nomeia como o idioma "pretuguês":

> "É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante, dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse 'r' no lugar do 'l' nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o 'l' inexiste" (González, 1984, p. 16).

A categoria proposta pela autora vai além de uma mera mistura de português com elementos linguísticos africanos. Gonzaléz (1984) argumenta que essa forma de falar é uma expressão de resistência e sobrevivência, uma afirmação da identidade negra em um contexto de opressão e marginalização. Nesse sentido, as mulheres negras

foram fundamentais na construção e preservação do português falado no Brasil, uma vez que mantiveram e transmitiram muitos dos elementos linguísticos trazidos da África durante o período colonial, educando também crianças brancas nessa linguagem.

O português falado no Brasil é profundamente marcado pela presença africana e afro-brasileira, segundo Gonzaléz (1984). Elementos como vocabulário, entonação, ritmo e estrutura gramatical refletem a diversidade linguística e cultural do país, com influências que vão desde línguas bantas até línguas crioulas, como o quimbundo e o quicongo. Essa riqueza linguística é um testemunho da contribuição significativa das comunidades afro-brasileiras para a formação da identidade nacional.

Outra autora de igual relevância sobre o assunto é Beatriz Nascimento (2021), que traça o perfil da mulher negra desde a época da escravidão como trabalhadora e produtora de mão de obra em potencial, competindo com o tráfico negreiro e servindo como suporte para a instituição escravocrata. Nascimento (2021) define a mulher negra como um elemento capaz de cristalizar ainda mais a estrutura escravagista de dominação. Embora seja mais conhecida por seu trabalho sobre quilombos e a resistência negra, sua visão sobre o amor e a afetividade da mulher negra é igualmente profunda e crítica.

Outro fator importante evidenciado pela autora é a negação do gênero mulher, um fenômeno que Nascimento (2021) chama de "negação da mulheridade." Essa negação teve início na escravidão e foi corroborada pela criação de diversos mitos em torno da mulher escravizada, retratada como um ser altamente sexualizado, desinibido e matriarcal, sendo esta última, de modo pejorativo, vista como autoritária, o que desqualifica a autoridade feminina. Todos esses elementos têm como objetivo relegar a mulher negra a um status de "antimulher".

Assim, características frequentemente vistas como positivas, como a força e a resistência, são dadas pela branquitude para retirar as mulheres negras do gênero "mulher" e evitar que sejam uma "ameaça" à ordem patriarcal. Isso ocorre porque as mulheres negras realizavam as mesmas tarefas que os homens negros, o que poderia suscitar uma igualdade de gêneros. Por isso, elas foram retiradas da categoria mulher e passaram a ser vistas como masculinas. Mas como deve ser definida a mulher negra?

Na verdade, as características consideradas "natas" foram importantes para essas mulheres como uma reação ao sistema de opressão, escravagista, sexista e racista vigente. As mulheres negras tiveram que se moldar à realidade e, assim, conseguiram sobreviver.

Por fim, ao abordar a figura de Tia Nastácia, é essencial adotar uma perspectiva crítica, levando em consideração o contexto histórico e social em que a obra foi criada. É necessário identificar os avanços e limitações da representação da mulher negra na literatura infantil, além de buscar maneiras de desenvolver narrativas mais justas e representativas.

Embora a personagem traga à tona elementos cruciais da cultura negra, também reforça percepções racistas, relegando a mulher negra a uma posição de coadjuvante ou, como mencionado anteriormente, à de "antimulher".

copyright© 2004 Inventário

2 CONCLUSÃO

Ao analisar essa personagem, conseguimos compreender mais profundamente as sutis, mas perversas, representações da mulher negra na cultura brasileira e a importância de criar narrativas que valorizem a diversidade e enfrentem o preconceito racial, como a ideia da "mulher preta de alma branca".

REFERÊNCIAS

COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

DEIAB, R. de A. (2015). **A mãe-preta na literatura brasileira**: a ambigüidade como construção social (1880-1950). Universidade De São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA).

LOBATO, M. **A Chave Do Tamanho**. São Paulo: Globo Livros, 2021a.

LAJOLO, M. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. Disponível em: https://www2.iel.unicamp.br/webdocs/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf. Acesso em: 02 abr. 2025

LOBATO, M. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Pé da Letra, 2021b.

LOBATO, M. O Pica Pau Amarelo - Monteiro Lobato. São Paulo: Camelot Editora, 2023.

NASCIMENTO, M. B. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

OSÓRIO, Helen; XAVIER, Regina Célia Lima (Orgs.). **Do tráfico ao pós-abolição**: trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2018, 535 p.

REIS, C. S. dos. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revivendo Lélia Gonzalez. **Anais** do II Congresso Nacional de Licenciaturas e Pesquisas Acadêmicas, 2024.

RONCADOR, S. A mãe-preta de Freyre e Lins do Rego. Revista de crítica literaria latinoamericana, Lima, Ano 33, n.65, p. 117-138, 2007. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/25485809. Acesso em: 02 abr. 2025.

Título em espanhol:

TIA NASTÁCIA Y EL MITO DE LA MADRE NEGRA: LA PARADOJA DE LA MATERNIDAD NEGRA EN EL IMAGINARIO BRASILEÑO